

# Dívida da Argentina com bancos credores *externa* gera impasse com FMI

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Correspondente

WASHINGTON — Os banqueiros americanos andam preocupados com os efeitos da crise econômica da Argentina. A perspectiva, segundo eles, é de virem a perder muito dinheiro. O país está com pagamentos atrasados num total de US\$ 5,8 bilhões e tudo indica que o Fundo Monetário Internacional não vai liberar um crédito de US\$ 1,2 bilhão já concedido ao Governo de Carlos Menem.

Isso complicaria um bocado a con-

tabilidade dos bancos comerciais dos Estados Unidos, que têm pouco mais de US\$ 9 bilhões emprestados à Argentina. Segundo os banqueiros, se o FMI retiver até o final deste mês o dinheiro que os argentinos aguardam, as autoridades que controlam as atividades bancárias nos EUA vão obrigá-los a aumentar as reservas para enfrentar o rombo que vem sendo alargado mês a mês.

Sua esperança é de que os negociadores argentinos consigam chegar a um final feliz nas conversas que vêm tendo com o Fundo, na tentativa de obter um novo empréstimo **stand-by**, com base num novo programa

econômico. Nesse caso, os US\$ 1,2 bilhão retidos até o momento serão congelados pelo FMI, e substituídos por um novo pacote. O problema é que os técnicos do Fundo até o momento não se convenceram com as promessas que vêm ouvindo dos argentinos.

— Parece que essa conversa ainda vai se alongar por muito tempo. Se não sair um dinheiro agora ou um novo acordo até maio, no máximo, vamos ter de empatar mais capital no fundo de reservas — comentou ao GLOBO um dos banqueiros envolvidos nessa questão.

Isso significaria que os bancos teriam de utilizar parte de seu capital para cobrir o que deixaram de receber, conforme determinação da **Interagency Country Exposure Review Committee** (Icerc) — a agência federal americana que controla as atividades bancárias no país.

● **DEMISSÕES** — A Autolatina, que produz na Argentina os veículos Volkswagen e Ford, despediu ontem 950 trabalhadores de suas duas fábricas, em General Pacheco e Montechingolo. A decisão já estava tomada desde agosto do ano passado, mas a empresa vinha protelando-a.